



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**FABIANA BRAZ SANTIAGO**

**SAMBA DE GRIOT**

**SALVADOR – BAHIA**

**2011**

**FABIANA BRAZ SANTIAGO**

**SAMBA DE GRIOT**

Memória do trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação social – Produção de Comunicação e Cultura. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.

Orientação: Prof. Mahomed Bamba

**SALVADOR – BAHIA**

**2011**

*Os brancos escrevem nos livros,  
agente vai escrevendo na alma  
[Provérbio Umbundu]*

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>TRADIÇÃO ORAL: uma forma de contar histórias .....</b>	<b>6</b>
<b>ORALIDADE.....</b>	<b>8</b>
<b>MEMÓRIA.....</b>	<b>9</b>
<b>GRIOT.....</b>	<b>10</b>
<b>GRIOTS DO SAMBA.....</b>	<b>13</b>
<b>SAMBA DE RODA .....</b>	<b>15</b>
<b>O SAMBA CHULA .....</b>	<b>16</b>
<b>GRUPO SAMBA CHULA DE SÃO BRÁS.....</b>	<b>16</b>
<b>SÃO BRÁS .....</b>	<b>17</b>
<b>EM TOM PESSOAL: relato do processo construtivo.....</b>	<b>18</b>
<b>DA ESCOLHA DO TEMA À DEFINIÇÃO DO PROJETO.....</b>	<b>18</b>
<b>ROTEIRO OU NÃO ROTEIRO: EIS A QUESTÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>DIÁRIO DE CAMPO .....</b>	<b>23</b>
<b>INVESTIMENTO .....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO II.....</b>	<b>33</b>

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho é o memorial descritivo do curta metragem Samba de Griot, rodado com sambadores e sambadeiras de São Brás, distrito de Santo Amaro da Purificação no recôncavo baiano. A ideia do vídeo é olhar o samba como uma manifestação na qual as tradições orais estão presentes de forma representativa a ponto de construir uma identidade própria, o que faz da sociedade em que o samba está enraizado um importante sitio histórico-social da cultura da Bahia.

O memorial está dividido em três partes:

1. **Tradição Oral: uma forma de contar histórias**, onde são trazidos elementos que compõem a tradição oral, na tentativa de localizar o projeto dentro dessa temática. Não há, entretanto, um aprofundamento histórico-social desse tema, dada sua vasta amplitude. Nos textos, as civilizações africanas e afro-brasileiras de tradição oral são tomadas como exemplo para melhor compreensão do conceito.
2. **Griots do Samba**, destaca as características que faz dos sambadores e sambadeiras do recôncavo baiano descendentes, perpetuadores e inventores de uma cultura voltada para a oralidade. Além disso, descreve os personagens, o lugar de onde eles são e a música que tocam.
3. **Em tom pessoal**, é um relato de todo o processo construtivo, desde a concepção até o resultado final, destacando os erros, acertos, problemas e as soluções encontradas durante o desenvolvimento desse trabalho.

Antes de dedicar o trabalho à figura dos sambadores e sambadeiras e à descrição do processo de construção, é preciso buscar uma definição da tradição oral e os elementos que a compõem.

## TRADIÇÃO ORAL: uma forma de contar histórias



Figura 1: *Griot* Doudou Rose e seu Tama (instrumento). Foto de Cláudia Mariana

Contar histórias é a forma que os humanos encontraram para dar sentido à vida. Muitas dessas histórias se perpetuam através da oralidade: do falar, do contar e do cantar. Criando uma dinâmica de transmissão e memória que apesar de parecer mais volátil que as fontes escritas, mantêm a vivacidade do que está sendo dito e escutado.

Um estudioso que trabalha com tradições orais deve compenetrar-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa, totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas

como um meio de comunicação diária, mas também como meio de preservação da sabedoria dos ancestrais. [VANSINA, 2010, p140]

Ao ler esse trecho de Vansina, fica mais fácil entender que a tradição oral não se limita à contação de histórias, lendas e mitologias. A tradição oral é a grande escala da vida [HAMPATÉ BÁ, 2010, p169]

A transmissão de ensinamentos através da oralidade é parte constituinte de diversas sociedades. E, ao contrário do que muitos imaginam, a tradição não existe em contraponto à falta de conhecimento gráfico. É também um modo de vida. Em muitos lugares é a forma adotada de transmissão de conhecimento de geração a geração. Cada grupo tem suas formas e seus usos. Normalmente o aprendizado começa no seio familiar, mas em algumas sociedades os indivíduos são obrigados a passar por um processo iniciatório para poder ter acesso aos conhecimentos de seu povo. Em outras, uma pessoa é eleita, geralmente um ancião, como uma espécie de mestre para orientar a todos quanto à história, tradição e formas de viver naquele grupo. Existem ainda as civilizações em que somente pessoas de uma determinada casta podem contar as histórias que os permeiam.

A narrativa funciona igualmente como um dos principais veículos de transmissão do conhecimento, mantendo a ligação entre as gerações de uma mesma comunidade. Os valores que são transmitidos a gerações posteriores não podem sofrer transgressões. Se tal facto acontecer, põe em perigo a coesão e a sobrevivência histórica do próprio grupo. [ROSÁRIO, 1989, p 40-41]

Essa citação de Rosário refere-se às regiões campestres do continente africano onde é possível observar alguns países que tiveram ou ainda mantém o modo de vida ligado às tradições orais. Esses têm a oralidade como veículo fundamental de valores sociais, educacionais, políticos e religiosos.

Os povos indígenas e africanos que fazem parte da composição genealógica da sociedade brasileira costumam ter forte ligação com a cultura oral. No entanto, apesar dessa descendência, no Brasil é usada uma metodologia em que as narrativas orais são alocadas cada vez mais em esferas ligadas à arte, saindo do papel de educar. Estamos deslocando a responsabilidade de educar as crianças da família para as escolas e os meios de comunicação.

## ORALIDADE

A oralidade se mostra como uma operação complexa que mobiliza valores e, sobretudo, crença no poder da palavra.

Nas tradições africanas – pela menos nas que eu conheço e que dizem respeito a toda a região da savana ao sul do Saara -, palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado a sua origem divina e as forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência. [HAMPATÊ BÁ, 2010, p 169]

Essa fala de Hampatê Bá cita o modo de vida da República do Mali, mais especificamente a tradição Bambara do Komo, que é uma das maiores escolas de iniciação do Mali. Eles acreditam que a palavra é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, Maa Ngala, criador de todas as coisas [HAMPATÊ BÁ, 2010, p 170]. Maa Ngala, sentindo necessidade de um interlocutor, criou o homem, Maa, e a ele deu o poder da mente e da palavra, e também o ensinou como manter a harmonia do universo. E é através da palavra que Maa pode despertar as forças da natureza que o compõem. A cadeia de transmissão oral de conhecimento inicia-se quando Maa passa a transmitir os ensinamentos divinos para seus descendentes.

No Komo, esse mito da criação do universo é ensinado por um Mestre iniciador, a jovens circuncidados. Para essa iniciação os jovens, com 21 anos de idade, passam 62 dias em um retiro obrigatório. O mestre geralmente é um ferreiro, pois os ofícios artesanais são considerados grandes vetores da transmissão oral por possuir um caráter sagrado vindo da arte de modificar a matéria.

Agora podemos compreender melhor em que contexto mágico-religioso e social se situa o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral, especialmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas de ancestrais ou de pessoas idosas. O que a África tradicional mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ao patrimônio transmitido exprimi-se em frases como: “Aprendi com meu Mestre”, “Aprendi com meu pai”, “Foi o que suguei no seio de minha mãe”. [HAMPATÊ BÁ, 2010, p 174]



Não é necessário ir para a África para ter contato com um sistema extraescolar de ensinamento oral ligado ao sagrado. O candomblé baiano, religião de matriz africana hierárquica e formadora de comunidades, também mantém uma tradição que respeita a ancestralidade e preserva sua cultura através do ensinamento oral da doutrina. O candomblé também contém ritos de iniciação. E após a etapa de conhecimento, o iniciado continua buscando conhecer as histórias divinas dos seus antepassados, além de aprender a conviver dentro dessa comunidade.

Livro sagrado não existe no candomblé. Toda a doutrina está na memória e na fala de seus adeptos. E, por isso, é muito comum encontrarmos diferentes formas de entoar as mesmas canções e orações. Mas, mesmo que existissem livros e documentos com essas escrituras, nada garantiria que não fossem criadas diferentes formas de falar, cantar ou rezar o mesmo texto. Os documentos escritos também podem ser refeitos, modificados ou editados.

## MEMÓRIA

O principal registro da tradição oral é a memória vivencial e dialógica afetiva cognitiva e motora. É uma memória dançante, cantante, contadora de histórias e conservadora. [PACHECO, 2006, p 44]

Nas culturas orais, a memória auditiva e visual são os principais dispositivos de armazenamento e de transmissão do conhecimento.

A inteligência está intimamente relacionada à memória e ao acúmulo de conhecimento. Na perspectiva tradicional africana velhice passa a conotar, portanto, sabedoria, exaltada na figura dos contadores e contadoras de histórias. [QUEIROZ, 2007, p44] Por isso que a cultura de reverência aos mais velhos é tão forte nos países africanos. Existe uma frase famosa de Hampatê Bá na qual ele afirma que quando um ancião morre é como se uma biblioteca inteira fosse queimada. A experiência de vida acumulada dá a essas pessoas o direito de serem líderes e conselheiros de suas comunidades.

Atualmente, nas sociedades letradas e midiáticas a memória social sofre grande influência dos meios de comunicação. E é no âmbito das esferas artísticas que

os processos de compartilhamento oral das memórias coletivas<sup>1</sup> ganha espaço. Um exemplo disso é o emblemático samba “Zé do Caroço” escrito em 1978 pela cantora e compositora Leci Brandão no qual é contada a história de um senhor que mantinha um serviço de alto-falante no morro do Pau da Bandeira, no Rio de Janeiro:

Num serviço de auto-falante  
 No morro do Pau da Bandeira  
 Quem avisa é o Zé do Caroço  
 Amanhã vai fazer alvoroço  
 Alertando a favela inteira  
 Ai! Como eu queria que fosse Mangueira  
 Que existisse outro Zé do Caroço  
 Pra falar de uma vez pra esse moço  
 Carnaval não é esse colosso  
 Nossa escola é raiz, é madeira  
 Mas é morro do Pau da Bandeira  
 De uma Vila Isabel verdadeira  
 E o Zé do Caroço trabalha  
 E o Zé do Caroço batalhaINSERIRI  
 E que malha o preço da feira  
 E na hora que a televisão brasileira  
 Destrói toda a gente com sua novela  
 É que o Zé bota a boca no mundo  
 Ele faz um discurso profundo  
 Ele quer ver o bem da favela  
 Esta nascendo um novo líder  
 No morro do Pau da Bandeira

Há 33 anos a história do Zé do Caroço e de sua rádio comunitária faz parte da memória cultural dos brasileiros, sendo transmitida através da canção de Leci e das regravações feitas por artistas como Seu Jorge, Mariana Aydar, Ana Carolina, Grupo Revelação e Art Popular.

## GRIOT

(...) *griot* seria o termo genérico aplicado àqueles artistas especializados em perpetuar a memória cultural de suas coletividades recorrendo à história, à genealogia, à tradição e a um exercício performático que se apóia em manifestações diversas como canto falado, a poesia, as narrativas orais, a encenação, a música, a mímica e a dança [ QUEIROZ, 2007, p42]

*Griot* e seu feminino *griote* são palavras de origem franco-africana usadas para nomear de forma genérica contadores e contadoras de histórias, elementos vivos da

<sup>1</sup> A memória coletiva é pensada como a seleção, interpretação e transmissão de certas representações do passado a partir do ponto de vista de um grupo social determinado (Halbwachs, 2006).

tradição oral africana, que podem ser comparados em alguns aspectos com trovadores e menestréis.

Presentes em alguns países africanos, principalmente na África Ocidental, os *griots* são conhecidos por variados nomes, como por exemplo: *dyéli* ou *diali* para os *Bambaras* e os *Mandingas*, *guésséré* para os *Saracolês* e *wambabé* entre os Fulas. No Brasil eles são chamados de Griô.

Homens nobres, os contadores, são responsáveis por manter viva a história de um local ou de uma família. São animadores, poetas, músicos, dançarinos, comunicadores e mestres. Essas divisões são definidas através de um sistema de castas. As funções, as histórias, os instrumentos e o conhecimento que os permitem trabalhar são herdados de família.

Doudou Rose<sup>2</sup>, *griot* senegalês que atualmente reside em Salvador, conta<sup>3</sup> que no Senegal os *griots* participam de diversas cerimônias. Nos casamentos, por exemplo, eles são contratados como genealogistas para contar a história da família dos noivos. Em cerimônias religiosas, são responsáveis pela comunicação com os espíritos, através dos seus tambores. Além disso, participam de aniversários, batizados e até mesmo das guerras onde exercem uma função muito similar à de jornalistas. Vão a campo para depois contar o que aconteceu no local.

O uso dos tambores falantes dos *griots* não se restringe às comunicações extrahumanas, servindo também para anúncios entre as comunidades. Em 1835, após a Revolta dos Malês, foi proibido que os negros tocassem tambor a fim de evitar que houvesse comunicação secreta entre eles.

(...) é da costura entre o registro dos acontecimentos e a intervenção criadora que se alimenta a arte da contação de histórias, mobilizando a um só tempo

---

<sup>2</sup>Doudou Rose é senegalês, nascido em Dakar. Afilhado de Doudou N` Rose, seu parceiro musical, é filho de Cathy Sene a dançarina nomeada por Léopold Sedar Senghor como *primma donna* imortal da dança senegalesa e Mame Less Thioune, percussionista. *Griot*, ator, coreógrafo, toca 25 instrumentos dentre corda e percussão, canta, dança, cria canções, melodias e ritmos, regente e arranjador - conta suas histórias e histórias em diversas linguagens artísticas, por conta disto, aos 11 anos já estava consagrado como um griô completo.

<sup>3</sup> Entrevista gravada durante as filmagens do vídeo Samba de Griot.

memória, imaginação, testemunho e inventividade na consecução da performance artísticas *griot*. [QUEIROZ, 2007, p 43]

Atualmente, as instituições governamentais brasileiras, tanto no âmbito estadual quanto federal, têm dado maior visibilidade aos herdeiros da cultura griot. O Ministério da Cultura, através da Secretaria de Cidadania Cultural, e o Ponto de Cultura Grãos de Luz, com sede em Lençóis, município do estado da Bahia, lançaram a “Ação Griô”, conjunto de políticas públicas que visam à preservação das tradições orais das comunidades e à valorização dos Griôs, Mestres e Aprendizes enquanto patrimônio cultural Brasileiro.

No Brasil a palavra griô se refere a todo(a) cidadão(ã) que se reconheça e/ou seja reconhecido(a) pela sua própria comunidade como: um(a) mestre das artes, da cura e dos ofícios tradicionais, um(a) líder religioso(a) de tradição oral, um(a) brincante, um(a) cantador(a), tocador(a) de instrumentos tradicionais, contador(a) de histórias, um(a) poeta popular, que, através de uma pedagogia que valoriza o poder da palavra, da oralidade, da vivência e da corporeidade, se torna a biblioteca e a memória viva de seu povo. Em sua caminhada no mundo, ele(a) transmite saberes e fazeres de geração em geração, fortalecendo a ancestralidade e a identidade de sua família ancestral e comunidade. São exemplos das griôs e dos griôs no Brasil: congadeiro(a), jongueiro(a), folião(ã) dos reis, capoeira, parteira(o), zelador(a) de santo, erveira(o), caixeiro(a), carimbozeiro(a), reiseiro(a), tocador(a) de viola, sanfoneiro(a), rabequeiro(a), cirandeiro(a), maracatuzeiro(a), coquista, marujo, artista de circo, artista de rua, bonequeiro(a), mamulengueiro(a), catireiro(a), repentista, cordelista, pajé, artesão(ã), e fazedores(as) de todas as demais expressões culturais populares que se desenvolveram e se transmitem por uma tradição oral.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Texto extraído do site [http://www.nacaogrio.org.br/index.php?pg=pagina&areasite\\_id=000008](http://www.nacaogrio.org.br/index.php?pg=pagina&areasite_id=000008) Acesso em 15 de junho de 2010.

## GRIOTS DO SAMBA



Figura 2: João do Boi e os netos Calango e Nêgo. Foto de Luiz Santos

Sambadores e sambadeiras são as pessoas que compõem o samba de roda baiano nas suas diversas funções: tocando, sambando, cantando ou compondo. Carregam a magia, a malícia e a sabedoria de como conduzir as rodas de samba que têm grande força na região do recôncavo.

A tradição de fazer samba está na alma, no bater das mãos, no sapateado e na cantoria que é passada do mais velho para o mais novo, que fala do cotidiano e que preserva a história do povo e do lugar onde moram.

O aprendizado, geralmente, começa na infância, a partir da observação do modo de fazer dos mais velhos. Há quem diga que “o saber sambar já nasce no sangue”. E não é difícil ver crianças da primeira infância sambando tal qual gente grande. É como se essas crianças trouxessem no DNA o ritmo do samba que faz a memória guardar as músicas e o corpo balançar no compasso.

As dificuldades de acesso à alfabetização influenciaram bastante no modo de memória dos sambadores e sambadeiras. Até hoje, muitos dos sambadores e sambadeiras das regiões canavieiras são analfabetos ou apenas reconhecem e assinam

o próprio nome. Em São Brás, a falta de ensino contribuiu bastante para esse quadro. O distrito possui apenas duas escolas municipais: uma de ensino fundamental I e outra de ensino fundamental II. A última tem apenas oito anos de existência. Para ter acesso às demais séries escolares é preciso ir para Santo Amaro da Purificação.

Assim, as palavras tomam muito mais importância que papéis escritos. E a vida vai sendo transmitida através de contos e canções.

E é de palavras cantadas que vivem os personagens do vídeo **Samba de Griot**. João Saturno e Antônio Saturno, mas conhecidos como João do Boi e Alumínio, além de irmãos, são a párea<sup>5</sup> do Samba Chula de São Brás. São dois grandes lutadores que apesar de rodar o mundo “gritando” a chula, vivem em condições simples.

Alumínio é a segunda voz da dupla. Aos 67 anos já é aposentado. Trabalhou no corte de cana e depois passou 15 anos na IPB - Fábrica de Papel, onde perdeu um dos dedos da mão.



Figura 3 : Alumínio. Foto de Fabiana Braz

João do Boi tem 66 anos. Casado com Nicinha, foi pai de 19 filhos e já tem dois bisnetos. Também trabalhou no corte da cana e na fábrica de papel, onde sofreu uma queimadura de produto químico. Ficou um tempo “encostado” e atualmente trabalha como gari em São Brás. Para aumentar sua renda mensal, cuida de bichos e vende leite de gado.

---

<sup>5</sup>Párea ou parilha: dupla de cantores do Samba Chula.



Figura 4 : João do Boi. Foto de Fabiana Braz

## SAMBA DE RODA

O samba é um estilo musical afro-brasileiro conhecido em todo o Brasil e em outros países, mas suas raízes estão fincadas no recôncavo baiano. Quanto à real origem há certa divergência de informações entre os estudiosos. Uns acreditam que o samba é oriundo dos canaviais do Rio de Janeiro e outros acreditam ser dos canaviais do recôncavo baiano.

Existem diversos tipos de samba de roda: o chula, o barco virado, o samba corrido, etc. Cada um com suas regras de conduta e andamento.



Em 2005, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco deu ao samba de roda o título de Patrimônio Cultural Imaterial, por reconhecer o caráter histórico-cultural dessa manifestação.

Figura 5: Passo de baiana. Foto de Pedro Ivo de Oliveira

## O SAMBA CHULA

Antes da segunda metade do século XIX, a chula já se apresentava com um dos símbolos culturais do Recôncavo, não apenas musicalmente, mas como tradução de um modo de vida único, em que os hábitos, costumes, hierarquia familiar, culinária, religiosidade e sexualidade foram determinados pelo encontro de culturas, mas em compasso determinado pela africanidade. [MENDES; JUNIOR, 2008, p 17]

O samba chula começa quando os dois homens responsáveis por cantar a chula entoam o cântico. Eles se posicionam de pé. Ao lado deles as mulheres cantam o relativo, uma espécie de refrão do samba, e batem na palma da mão enquanto esperam os cantores permitirem que elas entrem na roda para sambar.

A sambadeira só pode entrar na roda quando a párea para de cantar. Elas são acompanhadas apenas pelo toque dos instrumentos. E, neste samba, os braços são mantidos ao lado do corpo, nada de suspender e movimentá-los como é típico no samba carioca. Os pés correm a roda juntinhos, traçando o famoso “miudinho”.

Nas letras das canções rimas do dia a dia. O cotidiano, o sonho, as dores, as labutas e a fé são reunidas nos versos das chulas. São histórias que passaram e ainda passam de geração em geração através da música.

A chula é sempre ritualística. Nela não está inserido apenas canto e dança melodia e expressão corporal. É também um canto de fé, de reverência às tradições e de saudações ao espírito. Nela está a essência de cada um, a ancestralidade histórica e genética, que somadas formam tudo o que somos hoje, como indivíduos e povo. Por isso, mesmo sem a formalidade das regras escritas, há normas que devem ser cumpridas por todos. Homens e mulheres têm os seus papéis definidos, estabelecidos por uma simbologia interligada ao cotidiano das suas vidas, as crenças determinadas pela fé. [MENDES; JUNIOR, 2008, p 21]

## GRUPO SAMBA CHULA DE SÃO BRÁS

O Grupo Samba Chula de São Brás é um dos responsáveis por manter acesa a cultura do samba de roda no recôncavo baiano. Formado por moradores de São Brás,



o grupo canta o samba chula, samba de viola e as rezas regionais não só na Bahia mas também em diversos países.

Com João do Boi e Alumínio nos vocais eles já fizeram participações em shows e programas de TV ao lado de Roberto Mendes, Maria Bethania, Gilberto Gil, Regina Casé, Antonio Nóbrega, tendo feito também apresentações musicais em São Paulo, Goiás e em países como Portugal, Israel e Alemanha

Em 2008 foram contemplados com o Prêmio Pixinguinha que concedeu a eles a gravação do seu primeiro CD “Quando dou minha risada, há, há...”, lançado em 2009.

## **SÃO BRÁS**

São Brás é um dos distritos de Santo Amaro da Purificação, cidade do recôncavo baiano. A vila, habitada em sua grande maioria por pescadores, marisqueiras e trabalhadores rurais, fica a cerca de 113Km da capital baiana.

Contam os mais velhos que a fundação dessa vila está associada a um desejo do santo católico São Brás, cuja imagem foi encontrada à beira da maré, onde hoje corresponde à localidade. A imagem foi leva para a igreja de Santo Amaro, mas no dia seguinte tornou a ser encontrada na frente da maré. Então, instituiu-se ali a capela de São Brás e a vila ao seu redor

## **EM TOM PESSOAL:** relato do processo construtivo

A seguir, os textos contarão as experiências vivenciadas pela discente durante o processo criativo desse trabalho de conclusão de curso.

Dar a esse texto um distanciamento científico seria uma tarefa árdua, assim, peço licença para prosseguir escrevendo na primeira pessoa.

### **DA ESCOLHA DO TEMA À DEFINIÇÃO DO PROJETO**

Final do curso chegando, e agora? Qual será o tema do TCC? Uma tese ou um produto? Esse fantasma me assombrou durante as disciplinas de elaboração e desenvolvimento do projeto de comunicação. Era difícil escolher apenas um tema, diante de tantas coisas interessantes. A única certeza era que o assunto iria permear o campo dos estudos culturais e trataria de questões da cultura negra.

A princípio imaginei dar continuidade ao estudo sobre o movimento Rastafári que havia iniciado na construção de artigos para disciplinas anteriores. Depois me empolguei com a possibilidade de participar do Fesman – Festival Mundial de Artes Negras que iria acontecer no Senegal em 2009, como produtora de mídia para que os brasileiros pudessem acompanhar o que estava acontecendo no evento. Nesse ínterim, comecei a ler o livro *Negras Raízes* de Alex Haley, no qual me interessei pelas tradições orais descritas no romance, principalmente pelos *Griot*.

Estava decidido: iria estudar esse sistema de comunicação, informação, entretenimento e educação construído de corpo e voz, por pessoas que reconhecem a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, como um fio que os conecta com sua história e com sua identidade mais profunda.

Tomando em conta que a oralidade é uma das técnicas primeiras da comunicação não imaginei que teria dificuldades de encontrar professores interessados nesse assunto na faculdade. Cada professor que eu conversava indicava

um colega que talvez pudesse me ajudar. E assim, fui passando de professor em professor, até que, em uma conversa informal com uma professora do curso de letras, desta mesma instituição, fiquei sabendo que o professor Mahomed Bamba havia passado no concurso para lecionar na Facom. E que, sendo africano e da área de letras, talvez pudesse se interessar em me orientar.

Não perdi tempo, fui atrás dele antes mesmo de seu ingresso oficial na faculdade. E, enfim, minha proposta, que até então era de monografia, recebeu um sim.

Ao iniciar os estudos mais aprofundados percebi que seria muito difícil fazer uma monografia tomando como base tradições culturais dos povos africanos sem nem ao menos ter ido a nenhum dos países desse continente. Foi quando comecei a perceber as semelhanças entre os griots, figuras da tradição oral que tanto me encantaram, e os sambadores e sambadeiras do recôncavo.

A partir de uma provocação feita por uma amiga percebi que seria muito mais prazeroso fazer um produto com essa temática do que continuar imersa na pesquisa científica necessária para construção de uma monografia.

Assim, surgiu a ideia de fazer um vídeo que abordasse o samba de roda do recôncavo baiano pelo viés da transmissão e armazenamento das narrativas musicais, destacando a importância histórico-cultural do samba para o recôncavo baiano e as relações sociais intrínsecas às rodas de samba, tais como: comportamento, tradição, formas de aprender e de ensinar.

A ideia é olhar o samba como uma manifestação em que as tradições orais estão presentes de forma bastante representativa, a ponto de construir uma identidade peculiar, fazendo da sociedade em que o samba está enraizado um importante sítio histórico-social da cultura da Bahia. Tanto assim que é deste samba o primeiro reconhecimento de Patrimônio Cultural Imaterial, título concedido em 2005 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco.

A partir daí era escolher o personagem para o meu vídeo. Eu idealizava algo curto, cinco minutos, já enquadrado em um formato para festivais. O samba chula já

era o meu objeto preferido, dada a grande concentração de regras a serem transmitidas.

Depois disso, era hora de botar a mão na massa.

## **ROTEIRO OU NÃO ROTEIRO: EIS A QUESTÃO**

Como lidar com a folha em branco? Quando me deparei com esse problema antes das primeiras filmagens, optei por pular essa etapa do roteiro e ir direto a campo. A ideia era enxergar o que preencheria minhas expectativas durante as filmagens. Ainda precisava de uma vivência para incorporar o papel de roteirista e diretora.

Assim, conduzi as primeiras gravações que aconteceram nos dia 19 e 20 de novembro de 2010, como um registro simples e uma coleta de depoimentos tendo o seguinte rascunho de roteiro em mãos:

*Não existe um roteiro pensado. Ainda não encontrei uma narrativa interessante. A primeira ideia era encontrar um sambador com perfil de contador de histórias e a partir da história dele desenvolver um filme em que fossem abordadas questões com relação à oralidade.*

*A segunda ideia é gravar mais depoimentos com pessoas consideradas sambadores/estudiosos tais como Raimundo Sodré e Roberto Mendes e fazer colagens entre as falas desses com as dos demais sambadores entrevistados, imagens coletadas na rua, talvez uns quadros tipo “povo fala”, e “offs” para estruturar e embasar o vídeo.*

### **Abordagem das entrevistas:**

- Há quanto tempo está no samba?
- Como aprendeu a ser sambador?
- Como lhe foi passado os ensinamentos do samba?
- De onde vem a inspiração para composição dos sambas? Que histórias são essas?
- Onde são guardadas as composições?
- E quando esquece o samba?
- Como funciona a dinâmica do tipo de samba feito por você?

- É o único integrante da família no samba?
- Há quanto tempo existe esse grupo?
- Por que manter esse grupo? Qual o objetivo da existência?

Depois da viagem, apesar de ter coletado boa parte das imagens do meu vídeo, eu sentia um vazio, sentia que poderia ter explorado mais. A necessidade de melhor planejamento me corroeu. Mas, no final das contas, esse sentimento serviu para começar a planejar a continuidade desse trabalho.

De volta ao papel em branco, com mais calma, comecei a preencher minha folha com imagens que queria ter no vídeo e trecho de falas que já havia coletado e achava ser interessante. A ideia era seguir a criatividade sem me prender às regras de enquadramento do roteiro.

O segundo rascunho então ficou assim:

#### **Lista de imagens a serem captadas**

- Saia rodando
- Pés sambando
- Crianças brincando
- Crianças com instrumentos
- Crianças aprendendo com os mais velhos
- Câmera em movimento na estrada
- Maré de São Brás
- Pescador na jangada
- Samba de roda
- Cantadores gritando chula
- Uma mulher sambando e rodando – uma imagem de corpo inteiro, em um movimento de câmera de cima a baixo

IMAGENS	AUDIO
1. Várias imagens de um sambador ou uma sambadeira dono da voz	Off: uma declaração interessante de um sambador ou sambadeira
2. Imagens de São Brás, maré, estrada, o povo, as casas, câmera em movimento na estrada, etc	Sobe BG: um samba chula (a escolher)
3. Seu João do Boi, crianças brincando com instrumentos, crianças sambando, João do Boi	Desce BG Entra a fala de seu João do Boi falando de como aprendeu o samba
4. Crianças com os mais velhos, seu Alumínio	Fala de Alumínio como aprendeu o samba
5. estudioso e imagens que a fala dele sugere ao conteúdo.	Fala de um estudioso de tradição oral sobre processos de transmissão
6. Uma roda de samba	Uma Chula (escolher com eles)
7. <i>Griot</i> tocando um instrumento, com uma foto do plano geral da Maré de São Brás de fundo.	Toque feito pelo griot
8. Plano Geral da Maré	Decidir na edição
9. Transição da foto para o plano geral da Maré seguido de João do Boi ensinando o neto a tocar pandeiro	Decidir na edição

Esse material funcionou como um organizador de ideias, apesar dele não conter os tipos de planos que eu queria, ajudou-me a pensar no que seria necessário levar e fazer na filmagem do dia 07 de maio de 2011 em São Brás. Foi quando eu percebi que minha cabeça estava muito fechada à produção em si, o viabilizar: check

list, dinheiro, equipe, necessidades, etc. Decidi não me trair e a melhor coisa a fazer era transformar essa fraqueza em oportunidade. Então organizei tudo como produtora de um roteiro que me havia sido entregue, era só deixar tudo a gosto da direção. A partir daí criei a Lista de Imagens (anexo I) que entreguei à pessoa que ia fazer câmera e a Ordem do Dia (anexo II) que entreguei à minha equipe. E rezei para que na hora o espírito produtora ficasse um pouco de lado e eu incorporasse a diretora.

De volta a Salvador, prestes a entrar na ilha de edição, decidi que ao invés de criar um roteiro eu iria fazer um *story board* de todo o vídeo. Comecei a fazer, mas eu mudava de idéia com uma velocidade muito grande e alguns problemas com imagem também fizeram com que eu tivesse que criar novas cenas e encaixes.

Desisti do roteiro e do *story board* e fui pra ilha de edição cortar, colar, enxertar imagem e escolher áudio tudo no improviso. Assim fui mais feliz.

## DIÁRIO DE CAMPO

Eu precisava de uma coragem para começar. A falta de experiência e o medo de errar atravancavam o caminho das gravações. No dia **16 de novembro de 2010** comecei a realizar atividades ligadas à produção do TCC: levei o termo de empréstimo de equipamentos da faculdade para meu orientador assinar, pedi que Inocência Braz (minha mãe) conseguisse o contato do produtor do Samba Chula de São Brás, fiz autorizações de uso de imagem e comecei a organizar o pensamento do que eu queria. Mas eram atividades sem objetivo concreto.

O *start* mesmo veio com um telefonema de minha mãe. Ela me contou que o Samba Chula de São Brás iria se apresentar no dia **19 de novembro**, no teatro Dona Canô, um evento em comemoração ao dia da consciência negra, realizado pelo Colégio Polivalente de Santo Amaro da Purificação. Pensei: é agora ou nunca! Precisava começar. Liguei para a faculdade e agendei a câmera, agendei microfones no Núcleo

de Produção da Oi Kabum!<sup>6</sup>, procurei uma pessoa pra fazer câmera, mas só consegui para filmar no sábado, fui à rua comprar fitas Mini DV e passei a noite pensando como seriam os encaminhamentos.

Com uma barriga de seis meses de gestação, comecei as saídas a campo no dia **19 de novembro de 2010**. Na mochila uma câmera JVC DV 300, um microfone de lapela e um *boom*. A ideia era iniciar uma interlocução com os sambadores de forma presencial, fazer uma pesquisa.



Figura 6: *making off* do vídeo. Foto Claudia Mariana

Fui sozinha para Santo Amaro da Purificação. Chegando no teatro, procurei o produtor do samba que me levou até o camarim onde conversei com Alumínio e João do Boi. Apresentei a proposta do meu trabalho e marcamos para nos encontrarmos no dia seguinte. Depois eu mesma filmei a apresentação que eles fizeram no palco do Teatro Dona Canô. E, antes de dormir, empenhei-me em construir um roteiro de conversa que funcionou mais como uma organização de ideias.

**Dia 20 de novembro de 2010.** O dia começa com a chegada de Mariela Brito para fazer câmera. Fomos para a Casa do Samba para uma conversa com Mestre Primeiro, integrante do Grupo de Samba de Roda e Maculelê Raízes de Santo Amaro. Ele mesmo escolheu onde queria ser filmado. E aprovei de imediato por ser um local com boa fotografia e que o deixaria à vontade. O entrevistado era bastante eloquente o que me ajudou no desenvolvimento da conversa.

Depois colocamos o pé na estrada rumo a São Brás, distrito de Santo Amaro da Purificação. No caminho, passamos na comunidade da Pitinga para gravar com

---

<sup>6</sup> Oi Kabum! Escola de Artes e Tecnologias é um projeto do Instituto Oi Futuro em parceria com a ONG Cipó – Comunicação Interativa no qual jovens da periferia de Salvador e de mais três capitais, com idades entre 16 a 24 anos são formados em Design Gráfico, Web Design, Áudio Design, Computação Gráfica, Vídeo e Fotografia. Projeto em que trabalhei como assistente de produção.



Alumínio do Samba Chula de São Brás. Como já era meio dia e a luz dura atrapalhava a gravação em externa, optamos por fazer a filmagem dentro da casa dele com luz entrando pela porta. Não tínhamos rebatedor de luz e o fundo ficou chapado sem profundidade de campo. A fotografia deixou a desejar. Naquela hora eu estava mais preocupada com o conteúdo e em como estimular o entrevistado. Acho que com a facilidade da primeira entrevista, acabei me descuidando desses detalhes nas demais.

De lá, acompanhados por Seu Alumino, seguimos para São Brás, para gravarmos com seu João do Boi que também faz parte do Samba Chula de São Brás e é irmão de Seu Alumínio. Na hora da entrevista Seu João falou tudo que eu queria escutar de forma contínua sem que eu precisasse interrompê-lo com perguntas. Parecia que havíamos ensaiado. Foi uma tarde bastante agradável. Fomos bem recebidos, o que facilitou a criação de um amigável vínculo com essas pessoas.

No caminho de volta comecei a alimentar a ideia de trabalhar apenas com o Samba Chula de São Brás.

A gestação e o nascimento do bebê já eram atividades que requeriam muito de mim. Com isso, deixei o trabalho de conclusão de curso um pouco de lado. Lia alguns textos, adiantava algumas coisas do memorial, mas só retomei de verdade no dia **06 de abril de 2011**.

Queria muito conseguir gravar com um griot africano. Sabendo que a cantora Mariella Santiago tinha feito um show aqui em Salvador com o *griot* Zal Sissoko escrevi para ela no *facebook* pedindo o contato. Ao mesmo tempo, entrei em contato com Dão, também cantor, em busca desse mesmo griot. Coincidentemente os dois me encaminharam para Ibrahima Gaye, cônsul honorário do Senegal em Belo Horizonte. Escrevi para ele no dia **4 de maio de 2011** perguntando se ele sabia de algum griot que estivesse de passagem por Salvador nesse período. Um dia depois ele me respondeu falando que um *griot* original da família de Doudou Ndiaye Rose morava aqui e que me mandaria outro *Email* com o contato.

No dia **7 de maio de 2011** voltei a São Brás para gravar com João do Boi e Alumínio e fazer imagens da cidade e de um samba ao vivo. Na mochila, uma câmera Panasonic mini DV 100B, microfone lapela e um *boom*. A operadora de câmera dessa

vez era Cláudia Mariana. Chegamos de tarde e enquanto seu João não voltava da lida com os bichos gravamos imagens da cidade. Encontramos João do Boi e Alumínio no cair da tarde e a gravação do samba de roda foi feita sob a luz vermelha do pôr do sol. Depois ainda deu tempo de gravar a passagem com seu João do Boi e o neto na beira da maré.

De volta a Salvador entrei em contato com o Griot Doudou Rose e gravamos com ele no dia **14 de maio**, no Ilê Axé Opô Afonjá, no bairro de São Gonçalo, Salvador. Na equipe, além de mim, estavam Claudia Mariana (operação de câmera), Marcel Morón (motorista, assistente de áudio e babá) e Kwame (meu bebê). De equipamento levamos Panasonic mini DV 100B, microfone de lapela e uma máquina fotográfica Nikon D90. Na despedida Doudou me cobrou, sem combinação prévia, R\$300,00 (trezentos reais) pela filmagem. Conversei com ele e no final acabei dando uma ajuda de custo de R\$50,00. Ao entrarmos no carro não conseguíamos dar a partida. Logo apareceram dois homens dizendo que entendiam de carro, imaginei que eles fizessem parte da comunidade do Opô Afonjá e deixei abrir o capô do meu carro. Mas logo a esposa de Doudou, Daré Rose, chegou e não permitiu que eles continuassem mexendo no carro. Pedi que eles fossem embora. Quando eles saíram, Daré nos contou que eram pessoas de fora do terreiro e com péssimas referências, envolvidos com o tráfico de drogas. Chamei o seguro e descobrimos que a ligação do tanque de gasolina para o motor tinha sido cortada. Eles desconectaram o cabo que fica embaixo do carro. O mecânico do seguro refez a ligação e fomos embora. Antes de ir pra casa passamos na delegacia para prestar queixa a pedido da comunidade.

Mas os problemas não acabaram por aí. Quando coloquei a fita no deck descobrimos que a gravação não prestou. Algum problema técnico da câmera nos fez perder todas as imagens feitas. Depois de tudo o que aconteceu eu decidi não voltar para refazer a gravação com ele.

Dia **17 de maio** iniciei a edição no laboratório de TV da Facom. Para fazer a decupagem anteriormente, eu entregava as fitas na Oi Kabum!, onde as imagens eram passadas para DVD com o time code na tela. Assim eu poderia decupar em casa entre uma mamada e outra.

As emoções aumentaram ao mesmo tempo em que o prazo diminuía. No dia **24 de maio** chamei um dos recém formado da Oi Kabum! para fazer o leterring, a claquete, abertura e a ficha técnica do meu vídeo e ele me cobrou R\$800,00 (oitocentos reais) preço de profissional com anos de mercado. Ele baixou para R\$ 500,00 (quinhentos reais) e acabamos a conversa em R\$ 300,00 (trezentos reais) desde que eu o indicasse para outras pessoas. Mesmo assim, o valor ainda não entrava no meu orçamento. Já que o vídeo foi feito com recursos próprios. Deixei a idéia de lado e dois dias depois ele me liga aceitando fazer por R\$150,00 (cento e cinqüenta reais).

No dia **14 de junho** terminamos a edição do vídeo. Fizemos as cópias para a banca examinadora e para o XIV Festival Nacional 5 Minutos. Só faltava dar os últimos retoques no memorial e fazer as impressões.



Figura 7: Samba de Roda. Foto Luiz Santos

**INVESTIMENTO**

<b>20 de novembro de 2010</b>				
<b>Item</b>	<b>ref.</b>	<b>Qtd</b>	<b>valor unitário</b>	<b>valor</b>
Passagem de ônibus (SSA X Sto Amaro x SSA)	u.n	4	R\$ 11,00	R\$ 44,00
Táxi (Sto Amaro x São Brás)	u.n	1	R\$ 20,00	R\$ 20,00
Transporte (São Brás x Sto Amaro)	u.n	4	R\$ 2,00	R\$ 8,00
Fita Mini DV	cx	1	R\$ 60,00	R\$ 60,00
Alimentação (almoço, lanche, água)	diária	1	R\$ 28,00	R\$ 28,00
cachê sambadores	diária	1	R\$ 87,00	R\$ 87,00
cachê operadora de câmera	diária	1	R\$ 50,00	R\$ 50,00
<b>subtotal</b>				<b>R\$ 297,00</b>

<b>28 de abril de 2011</b>				
<b>Item</b>	<b>ref.</b>	<b>Qtd</b>	<b>valor unitário</b>	<b>valor</b>
Transporte	diária	1	R\$ 30,00	R\$ 30,00
<b>subtotal</b>				<b>R\$ 30,00</b>

<b>7 de maio de 2011</b>				
<b>Item</b>	<b>ref.</b>	<b>Qtd</b>	<b>valor unitário</b>	<b>valor</b>
Fita Mini DV	cx	1	R\$ 60,00	R\$ 60,00
Alimentação (almoço, lanche, água)	diária	1	R\$ 50,00	R\$ 50,00
Gasolina	diária	1	R\$ 80,00	R\$ 80,00
cachê sambadores	diária	1	R\$ 100,00	R\$ 100,00
cachê operadora de câmera	diária	1	R\$ 50,00	R\$ 50,00
<b>subtotal</b>				<b>R\$ 340,00</b>

<b>13 de maio de 2011</b>				
<b>Item</b>	<b>ref.</b>	<b>Qtd</b>	<b>valor unitário</b>	<b>valor</b>
Alimentação (almoço, lanche, água)	diária	1	R\$ 10,00	R\$ 10,00
Gasolina	diária	1	R\$ 15,00	R\$ 15,00
cachê griot	diária	1	R\$ 50,00	R\$ 50,00
cachê operadora de câmera	diária	1	R\$ 50,00	R\$ 50,00
<b>subtotal</b>				<b>R\$ 125,00</b>

<b>Finalização</b>				
<b>Item</b>	<b>ref.</b>	<b>Qtd</b>	<b>valor unitário</b>	<b>valor</b>
Computação Gráfica	serviço	1	R\$ 150,00	R\$ 150,00
Gasolina	diária	1	R\$ 40,00	R\$ 40,00
Transporte	diária	1	R\$ 57,50	R\$ 57,50
<b>subtotal</b>				<b>R\$ 247,50</b>

**TOTAL****R\$ 1.039,50**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBA, Mahomed. Os cinemas africanos: entre construção identitária nacional e sonho panafricanista. Texto apresentado na Malembe Malembe Mostra de Cinema Africano. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007

BELTRÃO, Luiz. A informação Oral. In: Comunicação e folclore: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de idéias. São Paulo: Melhoramentos, 1971. p 48-66

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações à obra de Nikolai Leskov. In: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, v1) p.197-221.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de ; FONSECA Maria Cecília Londres. Patrimônio imaterial no Brasil Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. 199 p.

COLOMBRES, Adolfo. Palavra y artifício: lãs literaturas “bárbaras”. In: PIZARRO, Ana (org). América Latina: palavra,literatura e cultura. São Paulo: Memorial Campinas: UNICAMP, 1995,vol.3: Vanguarda e Modernidade, p.127-167.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, 224p

HALEY, Alex. Negras Raízes. A saga de uma família.tradução A.B.Pinheiro Lemos. Rio de Janeiro,Editora Record, 1976, 528pg.

HAMPATÉ BÂ, A . A tradição Viva. In: História geral da África: I Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ªedição. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 167 - 212p

HAVELOCK, Eric. A equação da oralidade – Cultura escrita: Uma fórmula para a mente moderna. In: Cultura escrita e oralidade. Org. David Olson e Nancy Torrance. São Paulo: Editora Ática, 1991, p17- 34

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê IPHAN: Samba de Roda do Recôncavo Baiano. Brasília – DF, 2006.

PACHECO, Lilian. Pedagogia Griô: A reinvenção da roda da vida. Ponto de Cultura Gão de Luz e Griô, Lençóis, Bahia, 2006, 176p.

PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção. Campinas, SP: Papyrus, 2009, 141p

MENDES, Roberto e JUNIOR, Waldomiro. Chula – Comportamento traduzido em canção (A música raiz do Recôncavo Baiano na formação da Nacionalidade Brasileira. 1º Ed. Salvador, Ba: Fundação ADM, 2008, 78p.

QUEIROZ, Amarino. Griots, cantadores e rappers: do fundamento do verbo às performances da palavra In: África de África. Zuleide Duarte (org), Recife, Programa de pós-graduação em letras – UFPE, 2005, 9 – 40p.

QUEIROZ, Amarino. As inscricuras do verbo: Divizibilidades performáticas da palavra poética africana. 2007, 310p. Tese (doutorado em Teoria da Literatura) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. A narrativa africana de expressão oral (Transcrita em português). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Luanda: Angolê - Artes e Letras, 1989, 1a ed.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: História geral da África: I Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª edição. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 139 - 166p.

.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Domingos Preto. Direção Marcelo Rabelo

Samba Chula

[http://www.youtube.com/watch?v=qYXyRTdLI84&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=qYXyRTdLI84&feature=player_embedded) acesso 01 de maio de 2011.

Chula Filhos da Pitangueira no em São Francisco do Conde no Recôncavo Baiano.

<http://www.youtube.com/watch?v=ou5DyJ211fM&feature=related> acesso 01 de maio de 2011

IPHAN – Samba de Roda patrimônio da humanidade

<http://www.youtube.com/watch?v=g94WjK9WOew&feature=related> acesso 01 de maio de 2011

Samba de Roda do Recôncavo

<http://www.youtube.com/watch?v=DQNV2W7JsOQ&NR=1> acesso 01 de maio de 2011

Samba Chula de São Brás em São Paulo 2008

<http://www.youtube.com/watch?v=CdrBPALqBEs&feature=related> acesso 01 de maio de 2011

Mariana Aydar canta "Zé do Caroço" com Leci Brandão no programa do "Circo do Edgar", exibido pelo canal Multishow

[http://www.youtube.com/watch?v=Le9LsARwGe0&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=Le9LsARwGe0&feature=player_embedded) acesso 18 de maio de 2011.

Samba Chula de São Braz, Raimundo Sodré, Zezinho de São Francisco, Asa Branca & Cassio Nobre. Acesso 06 de junho de 2011.

<http://www.youtube.com/watch?v=P0jCGNozzJw>

<http://www.youtube.com/watch?v=f187O-PUDm8>



Figura 8: Fabiana e Mestre Primeiro na Casa do Samba. Foto Mariela Brito

## ANEXOS

### ANEXO I

#### LISTA DE IMAGENS

Onde: Pitinga e São Brás

07 de maio de 2011

Gravação com o Samba Chula de São Brás

- ♣ Samba de Roda
- ♣ Um menino tocando instrumento
- ♣ Saia rodando
- ♣ Pés sapateando
- ♣ Uma criança conversando com um dos personagens
- ♣ Crianças brincando
- ♣ Maré de São Brás
- ♣ Pescador na jangada
- ♣ Cantadores gritando chula
- ♣ Uma mulher rodando, sambando, imagem do corpo inteiro de cima para baixo.
- ♣ Uma imagem parada de uma paisagem com uma entrada de seu João do Boi entrando com o neto.



## ANEXO II

### **ORDEM DO DIA**

**Onde: Pitinga e São Brás**

**07 de maio de 2011**

**Gravação com o Samba Chula de São Brás**

**Imagens da cidade**

#### **EQUIPE E RESPONSABILIDADES**

Fabiana Braz – Direção, fotografia, autorizações de imagem

Claudia Mariana - operação de câmera

Inocência Braz – Arrumar a primeira locação; cuidar de Kwame

Marcel Morón – Assistente de Áudio; motorista

#### **O DIA:**

13h00 – Saída de Salvador p/ Pitinga (Fabiana, Marcel, Kwame, Sueide e Claudia)

13h30 – Saída de Santo Amaro p/ Pitinga (Inocência)

13h45 – Inocência na Pitinga: chamando as pessoas para a gravação, buscando locações.

Personagens: Srº Alumínio, mais 2 ou 3 músicos, 2 sambadeiras. Se tiver, crianças que toque.

14h00 – Chegada da equipe, montagem do set, gravação de duas músicas do samba chula de São Brás.

15h00 – Ida da equipe para São Brás para fazer imagens da cidade e se possível gravar com seu João e os netos dele.

17h30 – Retorno a Santo Amaro

17h50 – Retorno a Salvador.

#### **EQUIPAMENTOS**

- Câmera
- Microfone lapela
- Microfone boom
- Cabos de áudio
- Câmera fotográfica

#### **NECESSIDADES**

- Fita mine dv
- Autorizações de imagem
- Fita, tesoura